



- Leitor iniciante
- Leitor em processo
- Leitor fluente

DANIEL MEDINA E RENATA BUENO

Quem ri por último rima melhor

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenualmente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.



LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Quem ri por último rima melhor

DANIEL MEDINA E RENATA BUENO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Daniel Medina é cineasta, mas sempre trabalhou com desenho animado. Fez histórias em quadrinhos, ilustrou livros didáticos e animou diversos curtas-metragens com massinha, papéis recortados e objetos. Renata Bueno é artista visual e nos últimos anos tem se dedicado à literatura. Já escreveu e ilustrou mais de 30 livros para as principais editoras brasileiras. Além disso, faz exposições de seus trabalhos e oficinas compartilhando seu processo com crianças e adultos. Os dois são casados e têm um filho, Tomás.



RESENHA

Quem ri por último rima melhor é um livro-jogo bem-humorado. Divertido, lúdico, parte de uma premissa bastante simples: o que acontece quando a gente mistura dois provérbios diferentes, ou muda o final de um provérbio conhecido? O que acontece com o ensinamento do senso comum embutido na frase em questão?

A cada dupla de páginas, encontramos uma nova versão criada por Daniel Medina para provérbios conhecidos como “Quem vê cara não vê coração”, “Cada um por si e Deus por todos” etc. As ilustrações imaginativas de Renata Bueno combinam imagens que interpretam o provérbio de modo quase literal criando efeitos de humor e *nonsense*.

Nessa obra, o leitor é convidado a subverter a linguagem do senso comum por intermédio de um jogo em que os velhos ensinamentos se desdobram em novas possibilidades. As palavras não servem somente para referir-se àquilo que costumamos chamar de realidade – servem também para embaralhar a ordem das

coisas, criar imagens, surpreender. Com esses jogos as crianças são apresentadas àquilo que faz a linguagem literária se distinguir da linguagem de uso comum: seu poder de estabelecer conexões pouco usuais entre as palavras, desmontar lógicas, abrir espaço para o inusitado.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: provérbios.

Palavras-chave: moral, brincadeiras verbais.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).



PROPOSTA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Será que o título faz com que se lembrem do provérbio a que faz referência – *quem ri por último ri melhor*? Veja se notam de que maneira a ilustração recria a sentença em forma de imagem.

2. Leia para a turma o texto da quarta capa que explicita o jogo explorado no livro: *Misturar provérbios ou recriá-los pode ser muito divertido*. O que é um provérbio? Proponha que pesquisem a definição em um dicionário.

3. Leia também o texto de apresentação, que lhes esclarecerá com maior precisão a natureza dos provérbios – dando exemplos, inclusive.

4. Proponha aos alunos que sigam a sugestão dos autores e organizem uma lista de provérbios conversando com seus pais e avós. Em seguida, elabore uma lista única com os provérbios recolhidos por toda a classe e distribua entre os alunos.

5. Leia com a turma a seção *Sobre os autores*, ao final do livro, para que conheçam um pouco mais a respeito da trajetória de Renata e Daniel, bem como do processo que deu origem a esse livro.

Durante a leitura

1. Veja se os alunos percebem de que maneira se instaura o jogo proposto pelo livro: a cada dupla de páginas encontramos um novo provérbio criado seja pela modificação do final de um provérbio conhecido, seja pela combinação de dois provérbios diferentes.

2. Será que, em alguns dos casos, os alunos conseguem identificar o provérbio original que deu origem à brincadeira? Sugira que consultem a lista elaborada durante as entrevistas com pais e avós.

3. De que maneira Renata Bueno recria os provérbios em suas ilustrações? Veja se notam como a autora brinca com jogos entre figura e fundo e como cria efeitos de humor.

4. Ao final da leitura, desafie-os a solucionar a brincadeira proposta pelos autores na seção *Como era e como ficou*: veja se conseguem identificar, entre os dezesseis finais de frases enumerados pelos autores, os finais dos provérbios modificados no livro.

5. Proponha aos alunos que criem novos inícios para os finais de frase que não correspondem aos provérbios do livro, lembrando-se ou não do provérbio original.

6. Por fim, peça a eles que verifiquem as respostas de ponta-cabeça na parte inferior da página, depois de terminado o exercício.

Depois da leitura

1. Proponha aos alunos que visitem o *link* <http://www.jangadabrasil.com.br/temas/agosto2008/index.asp>, que apresenta uma extensa compilação de provérbios em ordem alfabética. O que será que cada um deles quer dizer? Estimule seus alunos, em pequenos grupos, a discutir um pouco a respeito.

2. Proponha que cada aluno escolha dois dos provérbios que lhes tenham chamado atenção e os copiem em um pedaço de papel. Em seguida, recolha os pedaços de papel de toda a classe, coloque-os em um pequeno saco plástico e peça a cada aluno que sorteie dois. Desafie-os a criar um novo provérbio misturando os dois provérbios sorteados.

3. Em seguida, proponha aos alunos que escrevam o provérbio recém-criado em uma folha, recolha-os e redistribua pela classe. Sugira então que cada aluno crie uma ilustração para o provérbio criado pelo colega inspirando-se nas criações de Renata Bueno, levando em conta as imagens contidas na frase.

4. Organize uma exposição das páginas criadas: que situações absurdas nasceram desse jogo?

5. Os provérbios têm um elo comum com as fábulas, textos que procuram dar voz a ensinamentos do senso comum, muitas vezes terminando com uma “moral da história” – um texto curto, muitas vezes em versos, que sintetiza o ensinamento contido na narrativa. Selecione algumas fábulas de Esopo e La Fontaine para ler com a turma.

6. Proponha aos alunos que escolham um provérbio do livro e escrevam uma fábula de modo que a frase selecionada possa servir de “moral da história”.



DICAS DE LEITURA

1. DA MESMA AUTORA

- *O que é a liberdade*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Por que será?* São Paulo: Larousse/Escala.
- *Monstros urbanos*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- *Monstro que é monstro*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

2. SOBRE O MESMO GÊNERO

- *Com a pulga atrás da orelha*, de Christiane Gribel. São Paulo: Salamandra.
- *Dicionário de ditados (provérbios) e frases feitas*, de Deolinda Milhano. Lisboa: Colibri.
- *Adágios, provérbios e termos musicais*, de Gumercindo Sarai-va. Belo Horizonte: Itatiaia.

